

micas. Independente, portanto, da orientação rígida de uma Igreja ou da disposição estatutária de um Partido político.

Se não há dúvida que milhares de guaranis se predispuzeram a aceitar a orientação cristã dos catequistas, no campo espiritual, por motivos vários que não podemos discutir aqui, não há dúvida também que os jesuítas, no plano temporal, se adaptaram ao ambiente e às peculiaridades guaranis.

Dirão que por conveniência própria falavam e escreviam a língua nativa; adotavam usos e costumes da vida doméstica e toleravam desvios da linha imposta pela doutrina cristã. Mas, em muitos casos, não poderiam proceder os guaranis da mesma forma e com as mesmas intenções? A cruz de Cristo que os velhos chefes guaranis traziam sobre o peito valeria mais que um cocar de penas coloridas à cabeça de um jesuíta? Quando os catequistas perguntavam aos catecúmenos, cheios de ardor místico, na prédica do catecismo: quantos deuses há? (*Mobyrype Tupã?*) e o neófito respondia: apenas um (*oiépé ñó*), isso poderia significar que o guarani tinha os olhos postos em Jesus Cristo ou que o padre estivesse entrevedendo Tupã? Claro que não. A trágica e fragorosa desarticulação dessa tessitura política e religiosa, que durante quase dois séculos resistiu às inevitáveis forças internas de desagregação, parece demonstrar que não possuía ela ainda a consciência da unidade social e territorial. Desde o instante em que os jesuítas abandonam a direção das grandes massas guaranis, retornam elas, com rapidez impressionante, aos rumos tradicionais da sua marcha pré-colombiana. Os dois séculos de doutrina cristã e de vida "republicana" não bastaram para criar chefes ameríndios devidamente capazes de substituir os chefes jesuítas na hora das provações. E nem, dentre os jesuítas, surgiu o "republicano" integralmente apaixonado pela "república", capaz de transformar-se em chefe rebelde na defesa da sociedade em perigo.

A famosa República, parece-nos, muito se assemelhava a um grande e sui-generis internato religioso... No dia em que faltou o Diretor, dispersaram-se tumultuariamente os discípulos desorientados. "La Republique Guarani a eu la grâce des enfants, une pureté candide"...

Enfim, deixando de parte a propriedade ou impropriedade do título da obra, não se poderá negar o seu grande valor como síntese histórica e social das reduções jesuíticas. Baseado em excelente documentação, recentemente publicada e nas obras clássicas antigas, pôde o A., com grande brilho, sintetizar o seu trabalho sem deixar de estudar todos os aspectos da cultura material e espiritual dos densos agrupamentos guaranis. Além disso, mantém-se o A. com admirável isenção de ânimo na análise dos fatos e dos homens. Os filhos de Loyola, através das páginas de sua obra, ressurgem engrandecidos e iluminados. Pensamos que, como meticoloso trabalho de síntese, é o melhor que se produziu até hoje sobre as célebres reduções jesuíticas. Mesmo nos capitulos sobre a ação nefasta dos paulistas (*Ravages des paulistes*) e sobre o encontro de Mbororé (*Bataille de Mbororé*), aos quais poder-se-ão opôr restrições e sugerir novos esclarecimentos, demonstra o A. a preocupação honesta de não defender ou acusar por conta própria. Cinge-se aos documentos de que pode dispor, interpretando-os à luz do bom senso e da verdade histórica. É mais, sem perder de vista a época e o ambiente em que os fatos relatados se passaram. Um excelente trabalho, em suma, sobre um tema difícil e empolgante.

PLÍNIO AYROSA.

---

PERAMAS (José Manuel) (1732-1793). — *La República de Platón y los Guaraníes*. Traducción y notas de Juan Cortes del Pino. Prólogo de Guillermo Furlong, S. J. — Emecé Editores S. A. — Buenos Aires. 1946. 224 pp.

Pela presente edição se torna acessível uma obra, publicada desde 1793 mas muito pouco aproveitada nos tratados sobre as missões jesuíticas entre

os guaranis. Sua importância, porém, como complemento à bibliografia corrente, é evidente, mesmo para quem apenas rapidamente a folheia. O original latino tem o título *De administratione guaranica comparate ad Rempublicam Platonis commentarius* e serve de prólogo à obra *De vita et moribus tredecim virorum paraguaycorum* (Faenza, 1793), na qual ocupa 162 páginas.

Embora os pontos de vista filosóficos e as comparações da vida nas missões com a da "República" imaginária de Platão pouco possam interessar ao leitor de hoje, a obra mantém um surpreendente aspecto científico, com notas bibliográficas (fora das do atual comentador), passando em revista toda a bibliografia conhecida até a época sobre o assunto, — e muitas vezes com críticas acerbas.

Diz o Autor modestamente na introdução, que se irá basear nos documentos publicados, não tomando em consideração o longo tempo que ele mesmo passou naquelas Missões, mas não faltam os dados de observação pessoal, referentes a quase todos os aspectos da vida social de seus habitantes indígenas. Os nomes de alguns capítulos, tomados ao acaso, bem podem dar uma idéia da variedade dos assuntos tratados: Comunhão de bens, Casamento, Educação, Música, Dança, Artes, Comércio, Vestido, Funerais e cemitérios...

Para mostrar o estilo do livro e a exatidão com que alguns tópicos foram tratados, sirva como exemplo a seguinte passagem sobre um jogo de bola: "Solían jugar también a la pelota, la cual, aunque de goma maciza, era tan liviana y ligera que, una vez recibido el impulso, seguía dando botes por un buen espacio, sin pararse, y repitiendo los saltos al rebotar por su propio peso. Los guaranies no lanzan la pelota con la mano, como nosotros, sino con la parte superior del pie descalzo, enviándola y devolviéndola con gran ligereza y precisión". (P. 93). Na mesma página, o Autor, sempre pronto a defender os índios, assim se refere aos "mamelucos" paulistas: "... (los guaranies) fueron tristes victimas de los crueles mamelucos, que apresaron numerosas familias de esta desgraciada nación y vendiéndolas las exterminaron".

A obra é acompanhada de uma planta esquemática de uma Missão, reproduzida nesta edição em fac-símile. Vê-se que na praça central havia varias cruces. Cruces semelhantes a estas ainda hoje se encontram e foram vistas pelo autor desta resenha nos terreiros dos índios Cayuá, que em tantas manifestações recordam a influência dos Jesuítas do século XVIII. Também do ponto de vista comparativo é pois oportuna esta edição do tratado do Pe. Peramás.

J. PHILIPSON.

---

GUSMÃO, Alexandre — Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri (1750): Parte II, Tomo I: Obras Várias de Alexandre de Gusmão; II: Documentos Biográficos. Organizados e Comentados por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950, 493, 358 pgs., ilustradas. Publicação do Instituto Rio Branco. Ministério das Relações Exteriores.

O Ministério das Relações Exteriores do Brasil comemora neste ano o segundo centenário do Tratado de Madri com a publicação de uma grande obra documentária e crítica sobre esse tratado e o seu inspirador. Nada tão eloquente e tão adequado, ao nosso ver, que este tipo especial de comemoração. Com ele se procura erguer um verdadeiro monumento no campo das letras históricas para chamar a atenção sobre um assunto de capital importância na História do Brasil e exaltar a figura de um dos mais completos estadistas e diplomatas de sua época e de toda a História luso-brasileira.